The background of the cover art depicts a scene in a dark, forested setting. A central figure, a man with a long beard and hair, wearing a white and gold robe, sits on a throne. He is surrounded by several other figures, some of whom are kneeling or standing in a reverent posture. Each figure has a glowing golden halo around their head. The lighting is dramatic, with a strong light source from the left, creating deep shadows and highlighting the figures. The overall mood is solemn and religious.

DIABLO®

VESSEL OF HATRED™

Quando Akarat
veio a Nahantu

UM CONTO DE
MATTHEW J. KIRBY

História

MATTHEW J. KIRBY

Ilustrações

RICHARD ANDERSON

Editorial

CHLOE FRABONI

Design e direção de arte

COREY PETERSCHMIDT

Consultoria de história

IAN LANDA-BEAVERS

Consultoria criativa

NICK CHILANØ, GABRIEL LING, DAVID LØMELI,
ELENI RIVERA-CØLØN, DAVID RØDRIGUEZ

Produção

BRIANNE MESSINA, AMBER PRØUE-THIBØDEAU,
CARLØS RENTA

Agradecimentos especiais

RØD FERGUSSØN

Tradução

MARIANA BARRØS, THIAGØ CIANCI



Blizzard.com

© 2024 Blizzard Entertainment, Inc. e o logotipo Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos EUA ou em outros países.

Publicado por Blizzard Entertainment

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou artista, ou são usados de maneira fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não tem controle nem assume qualquer responsabilidade por autores, sites de terceiros ou seu conteúdo.

Quando Akarat veio a Nahantu

Aqui começa a história de Akarat e o Lobo.

Apenas aqueles que cruzam entre os reinos da carne e do espírito sabem a verdade. Esta é nossa história. Foi passada a nós por nossos anciões, que a receberam dos anciões deles, que a receberam dos anciões deles, que a receberam dos Consagrados de Akarat, que testemunharam os acontecimentos. Ela é contada pelos natispíritos de Nahantu. Sejam eles umbarus da selva ou teganzas das planícies, a sabedoria contida aqui pertence a todos. Muitos já a esqueceram, permitindo que os perversos a explorem em nome de seu orgulho e ambição de reinar.

Ouçam, filhos de Nahantu. Ouçam, todos os herdeiros de Santuário. Ouçam a verdadeira história de Akarat. Ouçam, vocês que se colocaram sobre o povo como seguidores da Luz e profanadores do desejo de Akarat. Ouçam, vocês que buscam abrir o caminho da Luz e cobrar um preço em nome de Akarat. Ouçam a verdade, servos indesejados, para que o Ódio não os consuma.

Quando Akarat veio a Nahantu, ele não chegou de forma esplendorosa. Crianças não o seguiram pelas ruas de Kurast e ele não foi recebido por louvores ou adoração. Ninguém o aguardava. Nenhuma profecia previu sua chegada. E mesmo se houvesse uma profecia, não acreditariam nela, pois o povo de Nahantu tinha pouca esperança naquele tempo. Uma doença contaminava a terra. A exuberante

selva e os campos frutíferos haviam sido tomados. As feras haviam se tornado selvagens e vorazes. Uma corrupção havia criado raízes que se espalhavam como um câncer infectante. Onde as sementes do flagelo nasciam, a terra apodrecia e se tornava venenosa. O flagelo fez até os animais pacíficos desejarem sangue. Ele retorcia os manguezais e incendiava as planícies. Parecia que uma maldição havia tomado Nahantu, deixando seu povo destruído, faminto e desesperado.

Muitos umbarus fugiram da ruína que os acometeu para se refugiar em terras distantes e desconhecidas. A mãe de Akarat estava entre esses emigrantes, e foi assim que ele nasceu em Xiansai, filho de um pai local. E por isso sua chegada em Nahantu marcava uma espécie de retorno.

Ao seu lado estava Ysevete, cheia de esperança e caridade, conhecida hoje como a Primeira Consagrada de Akarat. Eles eram amigos de longa data, e o carinho fraterno que tinham um pelo outro vinha desde a infância. O elo entre eles era tão forte que quando Akarat deixou Xiansai, Ysevete partiu com ele e permaneceu sendo sua fiel companheira durante suas viagens no Kehjstão. Mais três também foram com Akarat e Ysevete para Nahantu: Adavin, o cartógrafo, a engenhosa Istabela e Guilla, a obstinada.

Juntos, esses cinco atravessaram o grande rio Argentek, onde os desertos do Kehjstão se desfazem nos cipós retorcidos de Nahantu. Conforme se aproximavam da costa, as águas se tornavam vagarosas e pútridas sob o barco esguio, escurecidas como se houvesse sombras e sangue. Akarat segurava em suas mãos uma pequena escultura de jade, um dos poucos pertences que trouxe de Xiansai. Seu brilho parecia diminuir sob as copas das árvores e do sol poente, e ele aproximou a estatueta do peito.

“Mestre?”, chamou Adavin.

Akarat falou com paciência. “Como já disse muitas vezes, Adavin, não sou seu mestre. Ambos somos seguidores da Luz.”

Adavin balançou a cabeça. “É claro. Perdão, Mestre.”

Akarat suspirou e olhou para seu Consagrado. “Faça sua pergunta.”

“O que você traz nas mãos?”

Os outros tripulantes do barco pararam os remos e ficaram em silêncio. Istabela também havia pensado sobre a escultura, assim como Guilla, mas nenhuma delas achou que seria correto perguntar. Ysevete sabia a resposta, mas ela esperou para ver o que Akarat diria.

“Ela pertenceu à minha mãe”, respondeu Akarat, finalmente. “Carrego comigo desde que deixamos Xiansai, esperando um dia trazer esse pedaço dela de volta para a terra de seus antepassados.” Ele encarou o pântano adiante. “Agora que estou aqui, percebo que não gostaria que ela visse o que aconteceu.”

“Há uma doença nessa selva”, disse Istabela. “Falam dela nas feiras de Caldeum. Dizem que o povo daqui fez por merecer essa maldição. Sempre pensei que as histórias não passavam de superstições de tolos.”

“Talvez sejam”, retrucou Ysevete. “Meu pai dizia que superstições culpam as vítimas por suas doenças, em vez de culpar a enfermidade.”

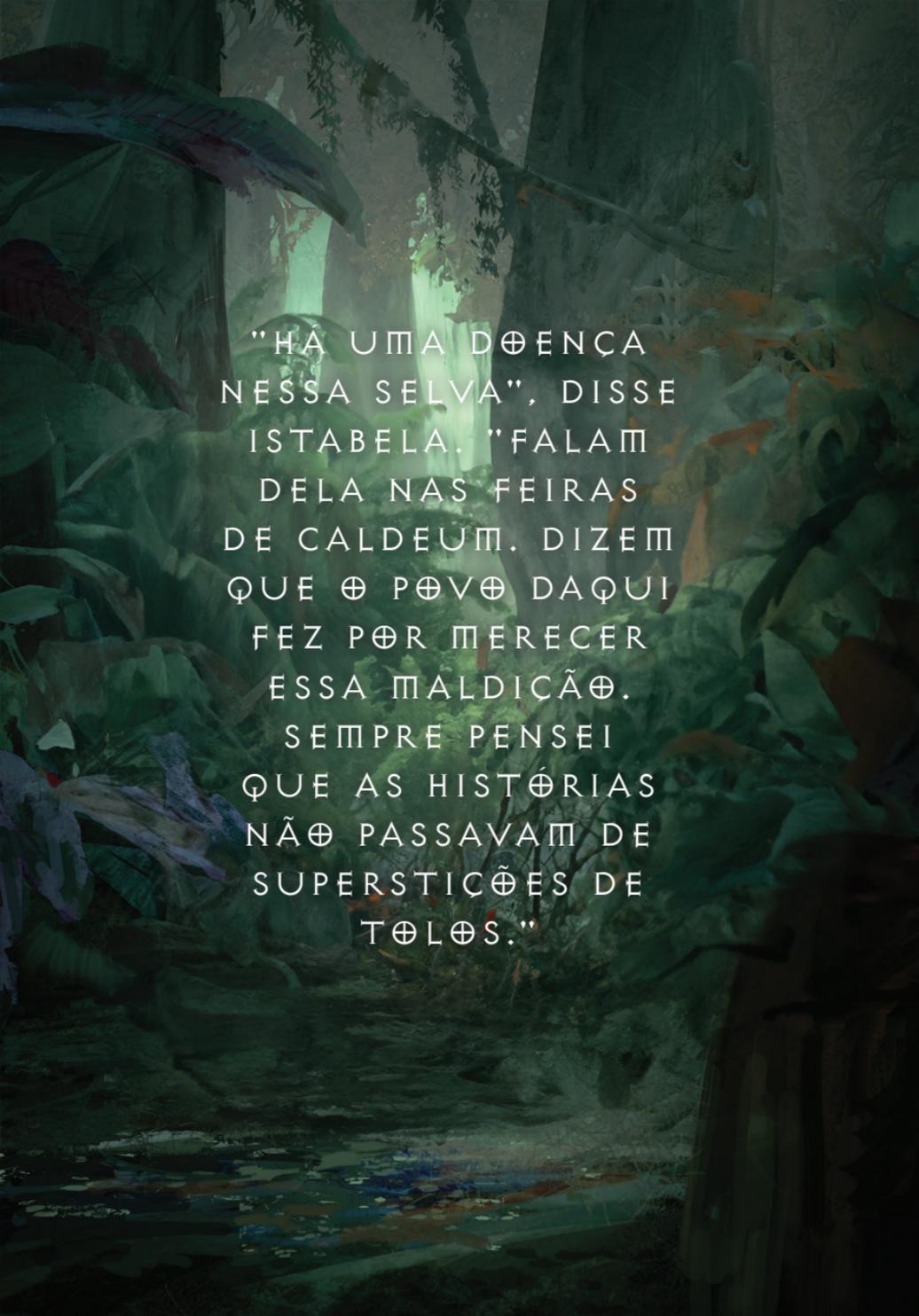
“Sábias palavras”, comentou Akarat, enquanto guardava a estatueta de jade.

O barco alcançou a terra e eles desembarcaram. Mal haviam pisado no pântano quando os Consagrados começaram a tremer. Um miasma sufocante turvou-lhes a visão e se instalou em seu peito, apertando seus corações a cada inspiração. A força deles não resistiu ao peso opressor que pressionou sua mente, como se a própria selva odiasse sua presença. Os pés e a coragem vacilaram no lamaçal. Apenas Akarat seguiu em frente sem medo. Os Consagrados tentaram segui-lo, mas não conseguiram acompanhar o ritmo.

Akarat percebeu como eles se esforçavam. Viu como tremiam. Pediu que parassem. Ele sentou-se em um tronco apodrecido e confundiu os Consagrados ao começar a tirar os sapatos. “A curandeira da aldeia pode evitar sujar as mãos de sangue?”, perguntou.

Os Consagrados se entreolharam e responderam juntos: “Não.”

“Isso mesmo”, disse Akarat, sorrindo. “Não uma boa curandeira, claro. Eu não confiaria em uma curandeira de mãos limpas.” Então ele chocou os Consagrados quando se levantou e deixou que os pés descalços afundassem na lama fétida. “Para fechar carne rasgada, limpar um ferimento infectado, tranquilizar os doentes e



"HÁ UMA DØENÇA
NESSA SELVA", DISSE
ISTABELA. "FALAM
DELA NAS FEIRAS
DE CALDEUM. DIZEM
QUE Ø PØVØ DAQUI
FEZ PØR MERECER
ESSA MALDICÃØ.
SEMPRE PENSEI
QUE AS HISTÓRIAS
NÃØ PASSAVAM DE
SUPERSTIÇÕES DE
TØLØS."

enfermos, curandeiros devem tocar na corrupção. Ainda não sei que mal habita esta terra, mas penso na sabedoria do pai de Ysevete e lembro que a terra não é má.” Ele andava para frente e para trás, afundando os pés no barro com uma alegria de criança. “Onde quer que eu finque as solas na terra de Santuário, sinto a Luz dentro dela. Estou ligado a ela, mesmo neste lugar abandonado. Vocês também estão. Precisam tentar sentir.”

“Posso ficar de sapato?” Adavin perguntou, o que fez com que todos dessem uma risada carinhosa.

“Sim.” Akarat sorriu. “Seus sapatos não são uma barreira para a Luz, que habita todos nós.”

Então, os Consagrados acalmaram suas mentes e corações. Eles buscaram a Luz dentro de si, e por sua luminosidade, viram a Luz dentro de Nahantu. Eles viram que ela queria fluir com a força dos rios e córregos, mas suas correntes normais haviam sido reduzidas, estranguladas e represadas pela corrupção.

“Vocês estão vendo?”, perguntou Akarat aos Consagrados. “Entendem por que estamos aqui e o que devemos fazer?”

“Entendemos”, disseram Istabela, Adavin e Guilla.

Mas Ysevete comentou: “Sinto outra coisa. Há algo mais. A Luz é diferente aqui. É como se nos movêssemos na superfície de um oceano profundo.”

Akarat acenou com a cabeça. “Talvez seja porque seu pai veio de Nahantu, como minha mãe, pois sinto o mesmo que você. Ainda não apreendo o significado disso. Há muitas perguntas que eu gostaria de responder, mas isso não acontecerá aqui. Venham.”

E ele os guiou para as profundezas da selva. Eles tentavam encontrar e seguir os caminhos que podiam, mas nenhuma trilha sobrevivia muito aos cipós gananciosos e ao solo movediço. Todas as estradas que encontravam se perdiam no pântano ou eram engolidas pela mata impenetrável, obrigando-os a voltar e buscar outra rota.

Adavin resmungou, frustrado, e disse: “Farei um mapa deste lugar para ajudar futuros viajantes.”

“Sua habilidade é impressionante”, comentou Akarat. “Mas temo que qualquer

mapa dessa terra mutável se tornaria obsoleto antes que você o concluísse.”

Criaturas se esgueiravam, sibilavam e rastejavam pelas águas ao redor deles, escondidas a não ser pelos rastros amplos ou por mergulhos repentinos de algo grande na sujeira da superfície. Mosquitos sugavam o sangue de pescoços e rostos. As teias de grandes aranhas se esticavam nos galhos sobre suas cabeças. Ao longe, feras uivavam e rugiam, abafando os gritos de presas moribundas. A terra resistia, e avançar era difícil. Os Consagrados ainda sentiam a presença implacável do mal, mas a Luz os fortalecia. Nahantu os fortalecia.

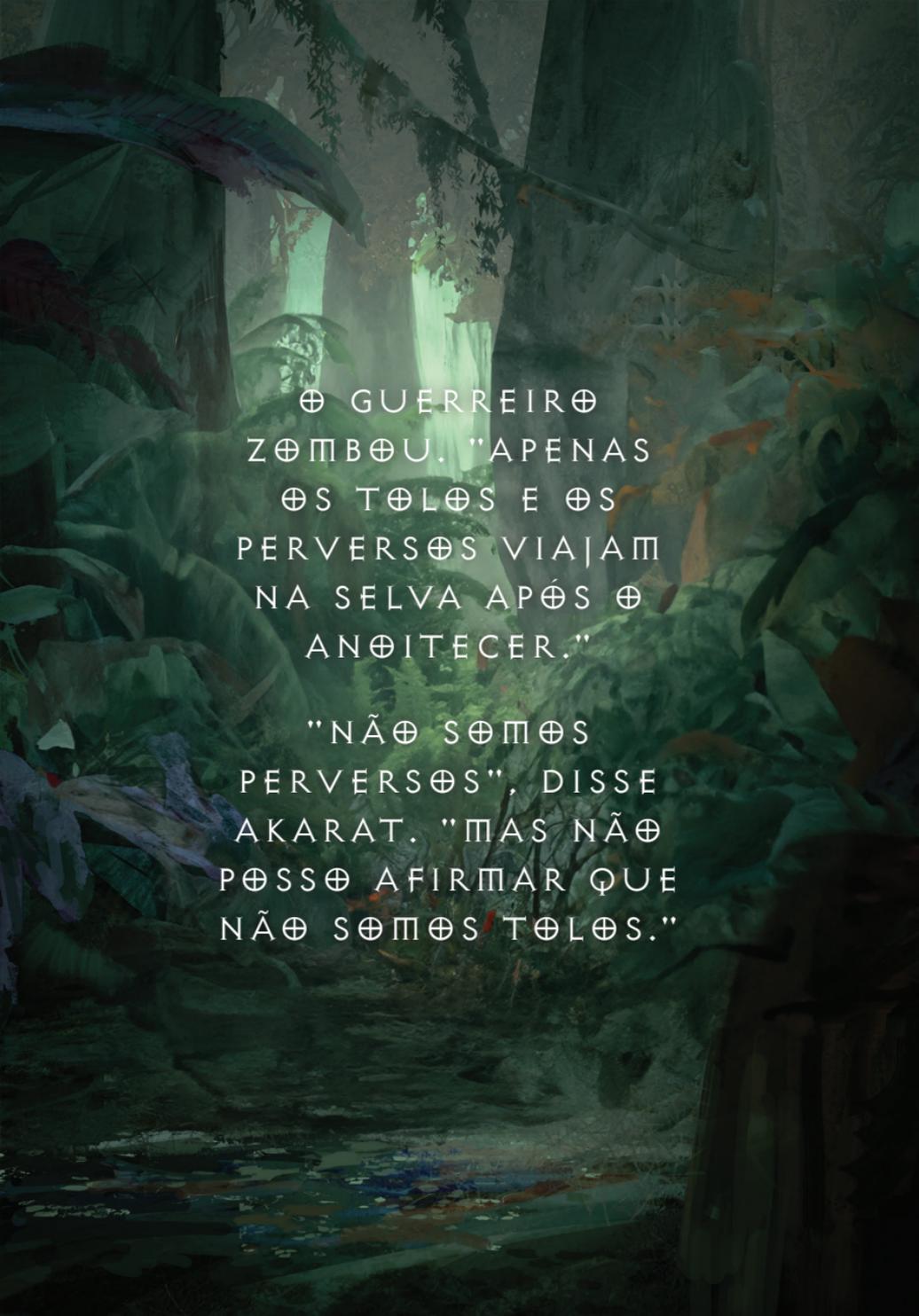
O dia durou pouco sob o dossel da selva, e a noite cobriu seu cadáver rapidamente com uma escuridão impenetrável que os Consagrados nunca haviam visto. Tudo era sombra. Eles esperavam já ter encontrado algum assentamento ou cidade, sabendo que seria um perigo passar a noite ao relento. A tocha de Istabela permitiu que eles seguissem em frente, mas pouco depois um bando de roedores infernais os encurralou.

As criaturas saíram das árvores, grandes como cães, babando e guinchando com seus focinhos.

Antes que as garras e presas pudessem ferir os Consagrados, Akarat levantou a voz e ordenou: “Afastem-se!”

Seu espírito era tão forte e ele era tão cheio de Luz que as feras estacaram o bote, confusas, mas ainda não sentiam medo e não tinham desistido do ataque. Essa pausa foi o tempo de os Consagrados se armarem.

Adavin empunhava um arco na época. Istabela ainda preferia as facas que escondia no corpo desde que era uma ladra, antes de conhecer Akarat. Guilla lutava com um cajado passado de geração em geração pelos magos de sua família. Ysevete brandia uma maçã dourada, com a cabeça em forma de sol. Akarat brandia a Luz e sua espada flambérgia. Quando os animais recobriram a coragem e atacaram, descobriram que a presa estava pronta para se defender. Adavin acertou todas as flechas. Istabela estocava e cortava com suas facas. Guilla e Ysette golpeavam os adversários. Akarat ardia. Os Consagrados lutavam bem, mas parecia que em breve eles seriam subjugados, pois a horda era infinda.



⊕ GUERREIRO
ZOMBØU. "APENAS
⊕S TØLØS E ⊕S
PERVERSØS VIAJAM
NA SELVA APÓS ⊕
ANØITECER."

"NÃØ SØMØS
PERVERSØS", DISSE
AKARAT. "MAS NÃØ
PØSSØ AFIRMAR QUE
NÃØ SØMØS TØLØS."

Foi então que um bravo guerreiro umbaru se juntou à batalha. Muitas das feras morreram rapidamente contra sua lança, que pareceu enfraquecer a sede de sangue do bando e pôs um fim ao ataque. Os roedores que ainda conseguiam se mexer fugiram na escuridão.

Antes que os Consagrados pudessem agradecer ao guerreiro umbaru pela ajuda, o estranho apontou a lança para Akarat. “Quem são vocês?”, perguntou.

Os Consagrados se prepararam para defender seu professor, mas Akarat os fitou com um olhar tranquilizador. Então, ele embainhou a espada e ergueu as mãos vazias. “Meu nome é Akarat”, respondeu. “Somos apenas viajantes aqui.”

O guerreiro zombou. “Apenas os tolos e os perversos viajam na selva após o anoitecer.”

“Não somos perversos”, disse Akarat. “Mas não posso afirmar que não somos tolos.”

“Seus pés descalços na água fétida são prova disso”, comentou o guerreiro.

Akarat riu. “E você? Também não está na selva conosco? Você certamente não é perverso, e não acho que seja tolo.”

O guerreiro permaneceu cauteloso, mas pareceu estar convencido de que Akarat e os Consagrados não representavam uma ameaça. Ele baixou a lança. “Eu estava procurando meu irmão. Esperava que ele voltasse hoje de uma aldeia vizinha, mas não tive nem notícias.”

“Podemos ajudar você a procurar seu irmão”, disse Ysevete.

O guerreiro olhou para ela com surpresa e desconfiança. “Por que você se ofereceria para ajudar um estranho a encontrar outro?”

Ysevete respondeu: “Você não nos conhece, e mesmo assim nos ajudou em batalha. Quando precisam de ajuda, ajuda é oferecida.”

“Tem razão”, disse o homem. “Se for sincera, agradecerei sua ajuda. Mas não há muito que possamos fazer antes do amanhecer. Há criaturas mais temíveis por aí, e o cheiro da morte as atrairá.”

Akarat disse: “Então ajudaremos você a procurar amanhã, sob a Luz de um novo dia. Qual é o seu nome?”

“Sou Tusega”, disse o homem, e olhou para a carnificina que eles fizeram ao redor. “Me entristece matar essas pobres criaturas. Nas velhas histórias, elas só comiam folhas e mato. Eram espíritos tímidos e pacíficos. A semente demoníaca que as enlouquece não é culpa delas.”

“Que semente demoníaca?”, perguntou Guilla.

“A doença odiosa que infesta este local não é de Nahantu”, disse Tusega.

“Tem razão”, respondeu Akarat, repentinamente invadido por pensamentos ruins, pois seu grande e último inimigo começou a se apresentar a ele. “Essa corrupção está cheia de Ódio.”

Ysevete, que conhecia Akarat melhor que os demais, perguntou: “O que o perturba?”

“Nada que você deva carregar”, respondeu Akarat.

Então, Tusega guiou Akarat e os Consagrados para sua aldeia, onde eles descobriram que o guerreiro era um homem muito respeitado por seu povo como curandeiro e líder. Ele convidou Akarat e os Consagrados para sua casa, que era cheia de todo tipo de ervas, raízes e flores para criar remédios e poções.

“Parece que você é um homem muito sábio e habilidoso”, comentou Ysevete.

“Os elixires que preparo são apenas uma pequena parte da cura”, disse Tusega.

“Qual é a maior?”, perguntou Ysevete.

“Espírito”, respondeu Tusega. “Se o espírito estiver quebrado, meus remédios não ajudam muito.”

Suas palavras agradaram a Akarat, que acreditava que a Luz o guiou até Tusega, embora o guerreiro ainda precisasse de tempo para perceber que a Luz o guiou até Akarat.

Na manhã seguinte, eles partiram para a selva em busca do irmão de Tusega, e os Consagrados conheceram Nahantu novamente pelos olhos do nativo. Ele os ensinou a encontrar e seguir as trilhas mais escondidas. Ele os ensinou a evitar a lama movediça na qual um viajante descuidado poderia afundar e nunca ser encontrado. Ele os ensinou quais plantas eram comestíveis e quais os matariam em um piscar de olhos. Ele os ensinou a reconhecer os sons das feras que poderiam

atacar para contorná-las e evitar violência desnecessária. Ele os ensinou a ver a verdadeira Nahantu.

“Por que vocês continuam aqui quando tantos já abandonaram este lugar?”, perguntou Guilla.

Tusega pensou por um tempo antes de responder. “Eu permaneço porque ainda sinto o espírito desta terra, e ele é mais forte do que a semente demoníaca.”

“Também o sinto”, disse Akarat. “Me senti em casa assim que entramos na selva de Nahantu. Era como se eu tivesse encontrado algo que nunca soube que estava procurando.”

“Mestre, o que é espírito?”, perguntou Adavin.

“Não sei”, disse Akarat. “Mas sei que posso senti-lo.”

“O espírito e a Luz são a mesma coisa?”, indagou Guilla.

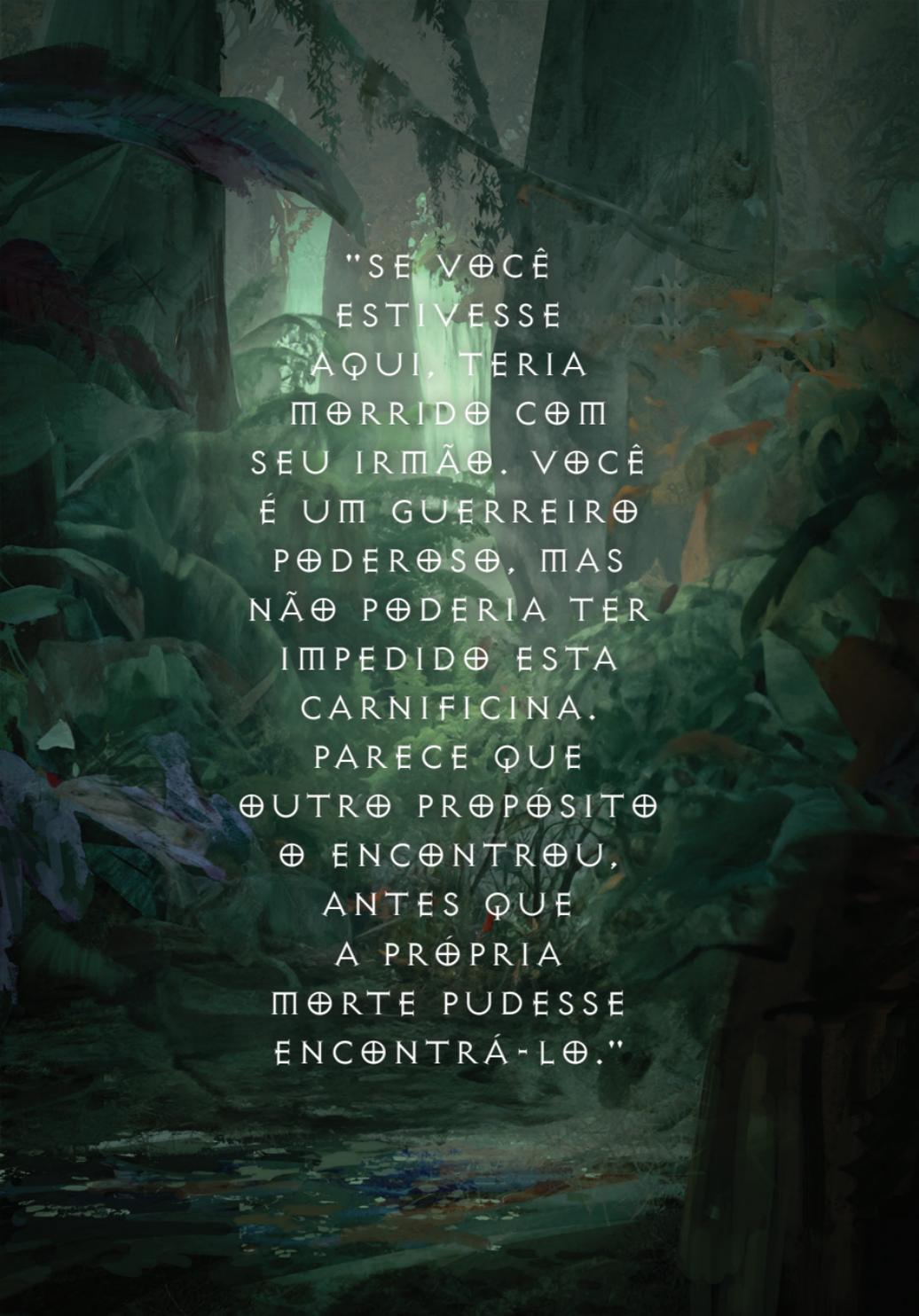
“Acho que não”, respondeu Akarat. “Mas a Luz abriu meus olhos para o espírito.”

Eles continuaram a procurar o irmão de Tusega até alcançarem uma propriedade solitária. Tusega queria perguntar aos moradores se eles haviam visto o irmão. Ele logo percebeu que nenhum poderia responder, pois haviam sido mortos há pouco. Seus corpos mutilados estavam empilhados sob nuvens de moscas. O sangue encharcava o assoalho. Istabela se ajoelhou sobre retalhos de carne do que já havia sido uma criança e chorou. Por muito tempo, ninguém falou uma palavra, arrebatados por tristeza e terror. Então Tusega encontrou o irmão entre os mortos. Os olhos dele tinham sido arrancados, assim como o nariz e as orelhas, mas Tusega o reconheceu pelo colar de miçangas ainda no pescoço. Akarat e os Consagrados ajudaram Tusega a reunir os mortos, para que seus restos alimentassem as chamas de uma pira e, assim, eles pudessem descansar.

“Sinto muito por sua perda e por sua dor, Tusega”, disse Akarat.

Istabela falou em seguida: “A culpa é nossa. Se em vez de nos ajudar você estivesse aqui, poderia tê-lo salvado.”

Tusega balançou a cabeça. “Se meu irmão tivesse encontrado vocês no meu lugar, teria feito a mesma escolha que fiz. Ele morreu lutando pelo povo dele, sem arrependimentos.”



"SE VOCÊ
ESTIVESSE
AQUI, TERIA
MORRIDO COM
SEU IRMÃO. VOCÊ
É UM GUERREIRO
PODEROSO, MAS
NÃO PODERIA TER
IMPEDIDO ESTA
CARNIFICINA.
PARECE QUE
OUTRO PROPÓSITO
O ENCONTROU,
ANTES QUE
A PRÓPRIA
MORTE PUDESSE
ENCONTRÁ-LO."

A raiva de Guilla ardia pelos mortos, e ela disse: “Se o povo daqui lutasse com o poder da Luz, eles poderiam ter sobrevivido.”

Mas Akarat a acalmou, dizendo: “A Luz não pode impedir toda morte e sofrimento. Esse não é o poder dela, e não é por isso que a buscamos.” Então, ele falou para Tusega: “Se você estivesse aqui, teria morrido com seu irmão. Você é um guerreiro poderoso, mas não poderia ter impedido esta carnificina. Parece que outro propósito o encontrou, antes que a própria Morte pudesse encontrá-lo.”

“Que propósito?”, perguntou.

“Vimos purificar Nahantu da corrupção que a assola”, disse Akarat. “Acredito que você possa nos ajudar a realizar esse feito.”

“Como?”, perguntou Tusega. “Quem é você para enfrentar esse mal?”

“Eu não sou ninguém”, respondeu Akarat.

Assim, Akarat ensinou a Tusega sobre a Luz, e pediu que Tusega lhe mostrasse uma das sementes demoníacas que espalhava a corrupção em Nahantu. Então, Akarat e seus Consagrados trouxeram a Luz sobre as raízes retorcidas da Semente do Ódio, e nem mesmo o grande mal que ela continha resistiu à força deles. As raízes murcharam e a semente se foi. Após testemunhar isso, Tusega se tornou o Quinto Consagrado de Akarat e guiou Akarat e os demais pela selva em busca das Sementes do Ódio. Eles encararam muitos perigos juntos, sobreviveram a provações terríveis e enfrentaram diversas dificuldades, mas essas histórias são para outra ocasião.

Com o passar do tempo, uma pequena parte de Nahantu começou a se curar, graças à Luz e ao trabalho de Akarat e seus Consagrados. A notícia desse milagre se espalhou até Caldeum, onde comerciantes voltaram os olhos para as terras ao sul pela primeira vez em longos anos, em direção à riqueza e dádivas da selva. Assim, uma pessoa jovem, nobre e educada de uma família rica e poderosa se dirigiu até lá buscando oportunidades de comércio. Buscou Nahantu não por escolha, mas por obediência, com vínculo aos deveres de uma vida já planejada. Mesmo assim, ainda possuía um coração apaixonado, uma mente curiosa e um espírito esperançoso, e, ao ouvir falar de Akarat, o buscou, sem saber que a Luz já guiava seus passos.

“Qual é o seu nome?”, perguntou Akarat.

“Sou Jualin”, foi a resposta.

Através da Luz, Akarat viu Jualin com muita clareza. “Você é como uma águia em uma gaiola”, disse ele. “Você devia estar voando pelos céus, mas mal pode abrir as asas. Você quer ser livre?”

A verdade das palavras de Akarat assustou Jualin, que chorou e disse: “Como você sabe tanto sobre mim se não me conhece? Se nem eu me conheço?”

“Ninguém é desconhecido sob a Luz”, disse Akarat.

“Você pode me libertar?”, perguntou Jualin.

“Não”, explicou Akarat. “É verdade que você está em um cárcere, mas também é você que o mantém. Não posso libertar você, já que a chave está em suas mãos.”

Jualin indagou: “Como posso fazer isso?”

“A resposta está dentro de você”, disse Akarat. Ele pôs as mãos sobre os olhos de Jualin, e foi na escuridão que Jualin encontrou a Luz pela primeira vez e viu o mundo de outra forma.

Foi assim que Jualin deixou o mercado do comércio para trás e se tornou a Sexta pessoa mais jovem a ser Consagrada de Akarat, acompanhando os outros na árdua tarefa de curar Nahantu até que enfim as águas tornaram a correr em tons de verde e azul, o fruto que crescia das árvores passou do azedo ao doce e os animais voltaram a seus lares. O vento e a chuva levaram o odor fétido de malevolência, e, uma vez mais, os perfumes naturais da vida e da morte pairavam no ar como o canto dos pássaros.

Toda noite, Tusega parava à soleira da porta, respirava fundo e se maravilhava com tanta beleza. Uma noite, ele disse: “Muitas vezes já duvidei das histórias antigas. Houve dias em que eu custei a acreditar que a terra que elas descreviam já tinha existido. Mas agora sei que nossos antepassados falavam a verdade. Enfim a Nahantu que as histórias descrevem é a *nossa* Nahantu. Enfim a Nahantu de meus sonhos permanece mesmo após o meu despertar, e não preciso temer a dor da alvorada.”

Akarat ficou feliz por Tusega, mas seu coração continuava atormentado, como

se um adversário oculto o perseguisse, pois sabia que um mal tão grande não seria subjugado facilmente. Ele percebeu que seu trabalho ainda não havia acabado.

“Nahantu é preciosa”, disse aos Consagrados. “Para mim, é mais preciosa do que tudo. Ainda há muito mais para aprendermos aqui, e as coisas que Nahantu pode nos ensinar não podem ser aprendidas em mais nenhum lugar de Santuário. Mas, para aprender uma grande verdade, todos precisamos ser dignos dela.”

Esse desafio fez com que os Consagrados duvidassem, não da Luz, mas de si mesmos.

Guilla disse: “Venho dos desertos do Kehjstão. Duvido que Nahantu me reconhecerá, pois minha família não tem raízes aqui.”

Akarat respondeu: “Famílias vão além do sangue. Lares vão além da lareira. A família podem ser as pessoas com as quais você divide um lar, e o lar pode ser um lugar onde você constrói sua família. Você é minha família, Guilla, e eu sou de Nahantu.”

Então, Istabela perguntou: “Que segredos ainda não desvendamos?”

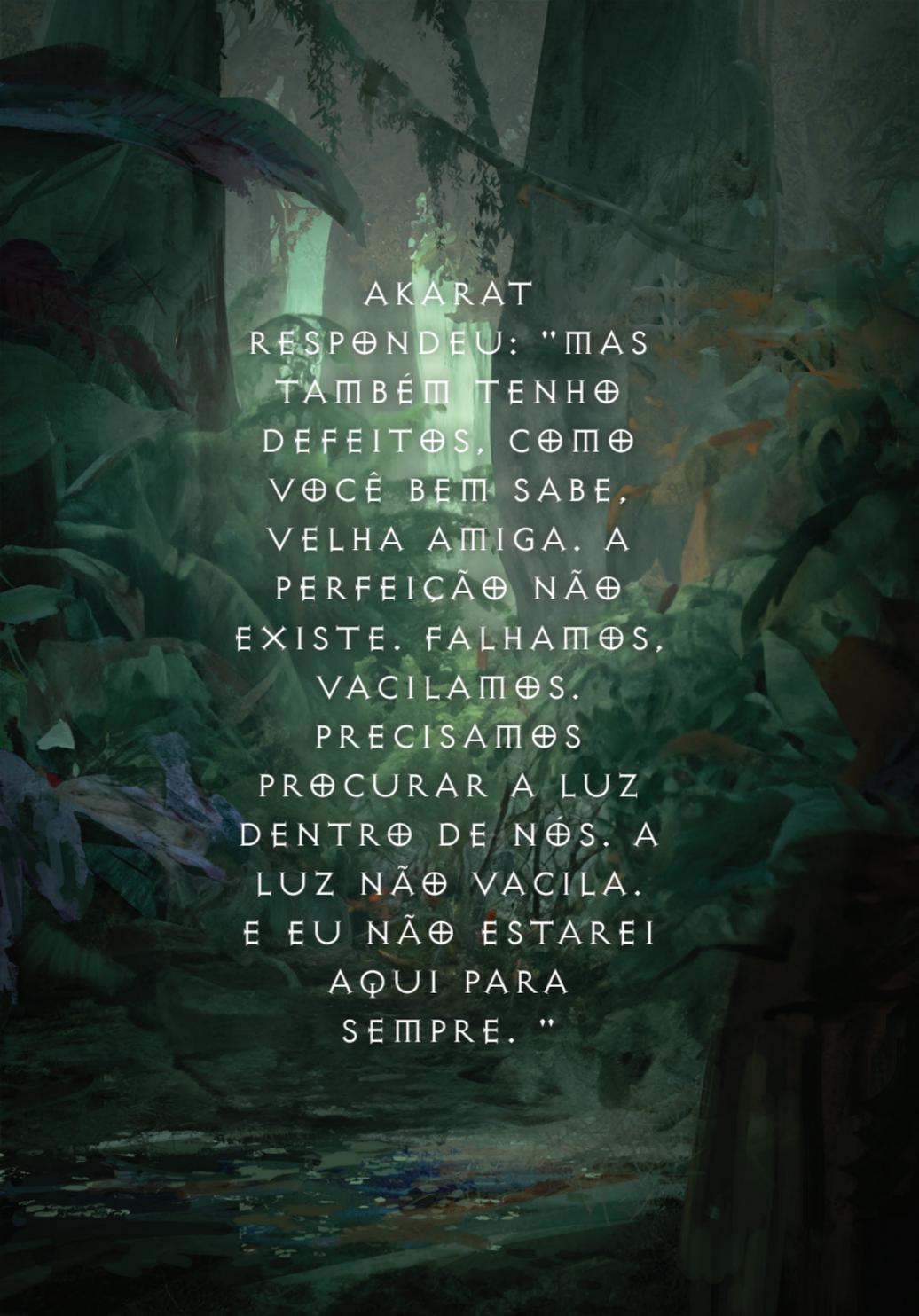
“Nahantu não guarda segredos”, explicou Akarat. “A verdade só se esconde daqueles que ainda não estão prontos para vê-la. Descobrir uma verdade não é roubá-la, Istabela, pois a verdade é uma dádiva.”

Então, Adavin comentou: “Mestre, tenho mapeado nossos passos. Ainda precisamos explorar as regiões mais ao sul. Talvez lá seja onde devemos procurar a verdade que buscamos agora.”

Akarat respondeu: “Mesmo seus lindos mapas são apenas registros do que você já acredita ser verdade. Uma nova verdade não será encontrada lá. Você deve confiar que sua bússola interior o guiará até a Luz, pois a Luz revelará toda a verdade.”

Então, Tusega disse: “Eu não tinha o poder para salvar Nahantu antes da sua chegada. Nenhum dos meus esforços dava frutos. Por que a terra confiaria em mim agora?”

Akarat afirmou: “Assim como a chama da menor vela é feita do mesmo fogo que o sol, o menor gesto de gentileza é feito do mesmo amor que o maior sacrifício. A Luz é a Luz, Tusega, e a Luz interior é o que torna você merecedor.”

A dark, atmospheric forest scene with a glowing figure in the distance. The text is overlaid in the center.

AKARAT
RESPONDEU: "MAS
TAMBÉM TENHO
DEFEITOS, COMO
VOCÊ BEM SABE,
VELHA AMIGA. A
PERFEIÇÃO NÃO
EXISTE. FALHAMOS,
VACILAMOS.
PRECISAMOS
PROCURAR A LUZ
DENTRO DE NÓS. A
LUZ NÃO VACILA.
E EU NÃO ESTAREI
AQUI PARA
SEMPRE. "

Então, Jualin disse: “Vocês são todos mais sábios e fortes do que eu. Comparado a vocês, sou apenas uma criança na Luz. Ainda estou me preparando.”

Akarat respondeu: “Duas sementes caíram na floresta. Uma delas caiu ao lado de um rio, iluminada pela luz do sol. Ela criou raízes com facilidade, bebeu da água e cresceu. A segunda semente caiu em solo menos fértil à sombra de árvores mais antigas. Para beber, precisou fincar suas raízes mais fundo. Para encontrar o sol, precisou se esticar. Então, um dia, veio uma grande nevasca, com fortes rajadas de vento e gelo. Diga-me, Jualin, qual árvore resistiu mais à tempestade?”

“A segunda”, respondeu Jualin.

“Exatamente”, disse Akarat. “Não é possível crescer sem desafios, pois eles fortalecem o indivíduo. Você começou a vida como a primeira semente, mas escolheu viver como a segunda. Não é porque ainda não conhece sua força que ela não existe.”

Então, Ysevet falou para Akarat: “Com você, todas as coisas são possíveis. Enquanto você nos liderar, nos tornaremos mercedores em você.”

Akarat respondeu: “Mas também tenho defeitos, como você bem sabe, velha amiga. A perfeição não existe. Falhamos, vacilamos. Precisamos procurar a Luz dentro de nós. A Luz não vacila. E eu não estarei aqui para sempre. Nem você, Ysevet. Nenhum de nós viverá para sempre, mas a Luz dentro de nós não pode morrer.”

Confortados e restaurados, os Consagrados se juntaram a Akarat. Por oito dias eles jejuaram e escutaram a Luz dentro deles, e, no nono, viajaram para a selva, guiados por um espírito revigorado, como se seguissem um rio até sua nascente. Eles chegaram a uma clareira na selva que não aparecia em nenhum dos mapas de Adavin. Em nossas histórias, chamamos essa clareira de Dádiva de Nahantu, recebida com gratidão e reverência. Apenas os Natispíritos sabem o que aconteceu lá, e não falamos sobre isso. É sagrado demais e impossível, pois nenhuma palavra é forte ou vasta o suficiente para abarcar, e tentar apenas o enfraqueceria.

Mas é possível afirmar que, após muita contemplação e luta interior, Akarat encontrou um reino do espírito, separado do reino da carne. Esse reino

acompanhava Akarat desde sua chegada em Nahantu, mas estava escondido até que ele estivesse pronto para enxergá-lo. Akarat foi o primeiro a atravessar a fronteira.

No Reino Espiritual, ele encontrou uma terra que não era terra, que não estava em lugar nenhum e estava por toda parte. Ele encontrou animais e plantas e todo tipo de seres. Alguns deles lembravam as criaturas e coisas de matéria viva que Akarat conhecia. Outros eram desconhecidos, como se tivessem começado sua existência como algo familiar, mas depois se estendido além dos limites de suas formas terrenas. A beleza perigosa de tudo aquilo impressionava e desorientava Akarat. Ele vagou enfeitiçado até perceber que havia se afastado demais. Temia que pudesse se perder para sempre naquele lugar, incapaz de voltar ao reino da carne, mas a Luz o guiou de volta. Tudo isso ele contou após retornar a si mesmo na clareira de Nahantu. Os Consagrados não conseguiam compreender.

“Esse reino espiritual faz parte de Santuário?”, indagou Istabela.

Akarat pensou por muito tempo antes de responder. “Acho que faz parte de Santuário da mesma forma que os Mares Gêmeos fazem parte de Estuário. Terra e mar estão fortemente ligados, tocando um ao outro o tempo todo, mas são distintos um do outro.”

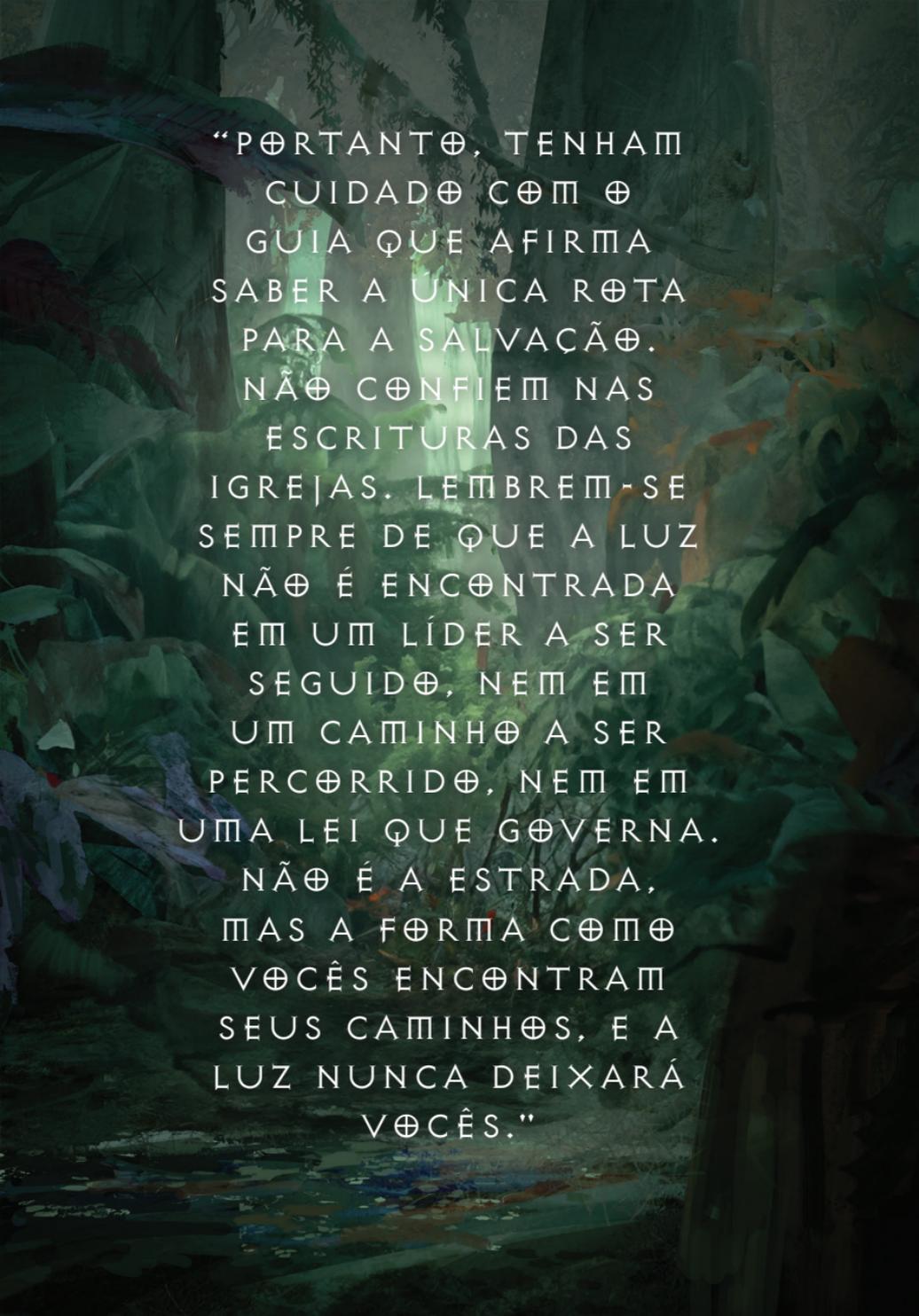
“O que vem primeiro na ordem das coisas?”, perguntou Adavin. “Carne ou espírito? Santuário ou o Reino Espiritual?”

Akarat deu de ombros. “O mar confina a terra ou a terra contém o mar? Sei apenas que a Luz brilha com a mesma intensidade na água e no solo.”

“Há quanto tempo ele nos acompanha, invisível?”, perguntou Tusega.

Akarat respondeu: “Talvez ele tenha sido formado quando Santuário foi criada. Talvez tenha passado a existir depois. Só sei que é antigo e, como o mar, é imenso e profundo, e não sem perigos.”

Os Consagrados quiseram visitar esse reino. Akarat os ensinou a fazê-lo, e eles passaram os dias caminhando pelo Reino Espiritual. Os Natispíritos começaram a partir do aprendizado dos Consagrados, mas estes estavam tão cativados por suas descobertas que não perceberam quando o mal retornou para Nahantu. Nas profundezas da selva, as Sementes do Ódio cresceram novamente.

A dark, atmospheric forest scene with a beam of light filtering through the trees. The text is overlaid in white, uppercase letters with a unique font style.

“PORTANTØ, TENHAM
CUIDADØ CØM Ø
GUIA QUE AFIRMA
SABER A ÚNICA RØTA
PARA A SALVACÃØ.
NÃØ CØNFIEM NAS
ESCRITURAS DAS
IGREJAS. LEMBREM-SE
SEMPRE DE QUE A LUZ
NÃØ É ENCØNTRADA
EM UM LÍDER A SER
SEGUIDØ, NEM EM
UM CAMINHØ A SER
PERCØRRIDØ, NEM EM
UMA LEI QUE GØVERNA.
NÃØ É A ESTRADA,
MAS A FØRMA CØMØ
VØCÊS ENCØNTRAM
SEUS CAMINHØS, E A
LUZ NUNCA DEIXARÁ
VØCÊS.”

Após a primeira jornada de Akarat ao Reino Espiritual, o professor se perguntava constantemente por que a Luz o havia guiado até ele e a que propósito devia servir lá. Com o passar do tempo, ele conheceu os seres poderosos que protegiam aquele reino e aprendeu muito com eles. Ah Bulan era proeminente entre esses espíritos e, um dia, deu um aviso a Akarat.

Ah Bulan disse que a corrupção havia regressado à terra da mãe de Akarat e que as Sementes do Ódio continuariam a crescer até que ele encontrasse e eliminasse seu criador. Após receber esse aviso, era como se o adversário que se esgueirava na mente e no coração de Akarat finalmente tivesse saído das sombras, e ele entendeu as tarefas finais que tinha diante de si. Agradeceu a Ah Bulan, mas não contou aos Consagrados sobre essa revelação. Em vez disso, ele os instruiu a construir a Câmara de Luz, um bastião que existe tanto no Reino Espiritual quanto em Santuário, um lugar a salvo de todo o mal, onde aqueles que buscam a Luz encontram proteção e paz.

Na véspera do término da construção da Câmara, Akarat reuniu os Consagrados em celebração. Eles cantaram, e a Luz preencheu cada nota. Eles dançaram, e a Luz fluiu pelas solas dos pés deles até o topo de suas cabeças. Eles contaram histórias e se lembraram de tudo que haviam feito juntos. Então, Akarat ficou diante dos Consagrados, e sorriu para eles com tanto amor e alegria que brilhava como uma joia, e declarou a Despedida de Akarat.

“Amados amigos. Pela Luz que existe em vocês, vejo a Luz que existe em mim. Somos um. Mesmo se nos separarmos, saibam que vocês estão comigo e eu estarei com vocês, e nada pode separar o que a Luz uniu. Mas há um poder que pode nos dividir se permitirmos que ele nos enfraqueça, e seu nome é Ódio. Embora celebremos a conquista de vocês esta noite, lembrem-se de que nenhuma conquista contra o mal é eterna, e é por isso que vocês devem estar sempre atentos. Lembrem-se de que, assim como a ferrugem pacientemente corrói o ferro mais resistente, o Ódio corrói os corações mais fortes. Com o tempo, o Ódio corrompe as intenções mais nobres, quebra os mais fortes laços de amizade e leva os caminhos mais honestos à escuridão. Os umbarus sabem muito bem como a selva transforma as

estradas, e os comerciantes de Caldeum conhecem a rapidez com que a areia do deserto apaga seus rastros. Portanto, tenham cuidado com o guia que afirma saber a única rota para a salvação. Não confiem nas escrituras das igrejas. Lembrem-se sempre de que a Luz não é encontrada em um líder a ser seguido, nem em um caminho a ser percorrido, nem em uma lei que governa. Não é a estrada, mas a forma como vocês encontram seus caminhos, e a Luz nunca deixará vocês.”

As palavras de Akarat fizeram Ysevete se sentir inquieta. “Você fala como se estivesse se despedindo de nós.”

Akarat a abraçou e disse: “Somos mortais e a vida é incerta. Cada palavra dita pode ser nossa última, e cada despedida pode ser nosso último adeus.”

Os Consagrados não conseguiam imaginar suas vidas sem Akarat, então deixaram qualquer preocupação gerada por seu discurso de lado e se voltaram novamente para a música e a dança. Mas a preocupação de Ysevete por seu velho amigo não a abandonava. Ela vigiou Akarat aquela noite, e quando ele se levantou antes do amanhecer e entrou sozinho na selva, ela o seguiu para ver aonde ele iria e o que faria.

Akarat viajou até as Sementes do Ódio que haviam retornado, e onde elas cresciam, a selva estava novamente como ele e seus Consagrados a encontraram quando chegaram em Nahantu. Tudo estava retorcido por um fel negro e nocivo que fluía a partir de uma nascente distante e infernal.

Akarat extirpava as Sementes do Ódio conforme avançava, purificando a terra uma segunda vez. Ysevete o ajudaria, embora precisasse se revelar para isso, mas a Luz dele se mostrou forte o suficiente sem ela. Quando os animais da selva enlouquecidos pela bile atacaram Akarat, Ysevete mais uma vez quase foi ao lado dele, mas ele não precisou de sua ajuda. Fossem serpentes, pássaros ou gorilas poderosos, Akarat não enfrentou as criaturas adoecidas, mas as curou com a Luz. Então, Ysevete continuou escondida, sem permitir que ele seguisse sozinho para a escuridão, embora se envergonhasse de sua furtividade.

A selva se tornava mais densa. A corrupção se tornava mais forte. O ar que Ysevete respirava parecia queimar sua língua com o gosto do Ódio. O mal que havia

ali parecia próximo o suficiente para esmagá-la, corpo e alma. Ela quase deu meia-volta assustada, mas olhar na direção da Luz lhe dava forças. Ela seguiu Akarat e observou seu mestre entrar em uma caverna de escuridão, onde ela sabia que residia o autor da maldição de Nahantu. Apesar do poder de Akarat, ela temia por ele. Jamais havia sentido um mal tão forte. Jamais um Ódio tão ardente havia tocado seu coração e sua mente. Ele irrompia da corrupção ao redor dela, voraz o suficiente para engolir a selva inteira.

Dentro da caverna, Akarat encontrou o Lobo. Fosse um lobo de carne, ele poderia tê-lo curado. Mas o Lobo que ele encarava era apenas uma forma roubada, pouco mais do que uma pele dentro da qual um demônio se movia e falava. O som da voz dele atravessou Yseveté até os ossos, e suas palavras a açoitaram. Ela não podia se mover nem falar por pura agonia, mas seu sofrimento não se comparava à dor que sentia por não estar ao lado de Akarat, embora muitos acreditem que foi a Luz que a impediu, para que ela pudesse viver como testemunha do sacrifício dele.

Dizem que a batalha de Akarat com o Lobo fez a terra tremer. Toda Nahantu estremeceu durante o confronto. Árvores caíram, rios mudaram de curso e os animais berravam, rugiam e guinchavam. Embora Akarat tenha lutado com garra e habilidade, seu oponente era imortal, e ele era um homem mortal que conhecia os limites de sua força. Conforme a batalha continuava, ele sentiu em seus membros o cansaço da carne a que todos estamos sujeitos. Em vez de lutar até o último suspiro e correr o risco de não derrotar o inimigo, Akarat escolheu encerrar o combate à sua maneira. Ele provocou o Lobo a mordê-lo, pois conhecia a fome dele. O Lobo fincou os dentes bem fundo, permitindo que Akarat o abraçasse de forma que ele não conseguisse escapar. Então, Akarat libertou a Luz que o preenchia, e a Luz transbordou dele em um esplendor impiedoso, como se o sol tivesse deixado seu trono no céu e descido até a caverna.

O Lobo uivou. O Lobo ardeu. A Luz derreteu a pele de seu rosto e seus ossos foram carbonizados como lenha queimada. Quando a força de Akarat chegou ao fim e ele não conseguiu mais segurar o Lobo, ele o soltou, e o demônio fugiu para as profundezas da caverna, descendo até os túneis que tocavam o reino do qual

ele havia vindo. O Lobo nunca havia conhecido tamanha dor. O Lobo nunca havia conhecido tamanho medo. O Lobo se lembraria, e do solo dessa memória, seu ódio por Akarat e Nahantu apenas cresceria.

Ysevete correu para o lado de Akarat, onde ela se ajoelhou e o embalou, e suas lágrimas caíram no rosto dele. Ele não tinha vida suficiente para falar, mas sorriu de alegria vendo sua amada amiga, e o sorriso permaneceu em seus lábios mesmo após a morte.

Ysevete levou o corpo dele para fora da selva, e não havia lamento em nenhuma língua que pudesse expressar o luto dos Consagrados.

“Eu o abandonei”, disse Ysevete.

“Todos o abandonamos”, disse Istabela.

“Não acredito que isso seja verdade”, disse Jualin. “Eu o amei tanto quanto vocês, embora vocês o tenham amado por mais tempo, e acredito que apenas o abandonaremos se não honrarmos seu sacrifício.”

“Como podemos honrá-lo?”, perguntou Adavin.

Guilla respondeu: “Agora que Akarat se foi, o propósito dele se tornou nosso. É nosso dever permitir que todos conheçam a verdade e a proteção da Luz.”

“Sim”, disse Jualin. “Precisamos escrever tudo o que ele nos ensinou, para espalhar a mensagem dele.”

Aquelas palavras enfureceram Ysevete. “Quer que façamos escrituras? A folia de ontem à noite afetou tanto sua inteligência que já se esqueceu do que ele nos disse? O caminho da Luz não é a estrada, mas a forma como nos encontramos.”

“Olhe só para nós”, disse Istabela. “Como nós seis poderíamos ensinar todos em Santuário?”

Então, Tusega disse: “Entre o povo de Nahantu, as velhas histórias carregaram a verdade em segurança de geração em geração pelos ermos do tempo.”

“É uma proposta sábia”, falou Jualin. “Colocaremos a verdade de Akarat e seus ensinamentos em histórias, fábulas, pinturas e canções, e elas se espalharão como sementes ao vento.”

Ysevete ainda se opunha à ideia e disse: “Não há nada tão puro que não possa ser

corrompido pelo Ódio, a não ser a própria Luz.”

“É verdade”, concordou Guilla. “E é por isso que devemos assegurar que a Luz esteja em tudo o que fazemos, para nos protegermos da corrupção.”

Istabela, Adavin e Tusega concordaram com Guilla e Jualin. Então Ysevete deixou o conflito de lado, apesar de seus receios, e, juntos, os Consagrados prepararam o corpo de Akarat, limpando as feridas e vestindo-o. Ysevete procurou a escultura de jade que pertenceu à mãe de Akarat, para que ele pudesse ir para seu descanso final com ela nas mãos, mas não conseguiu encontrar a estatueta e temeu que ela tivesse se perdido na selva durante a luta final.

“Vamos deixar o corpo dele na Câmara de Luz”, propôs Ysevete. “Lá, ele ficará a salvo daqueles que ousariam profaná-lo.”

Então os Consagrados carregaram o corpo de Akarat para o Reino Espiritual e terminaram de construir a Câmara de Luz ao redor dele. Istabela desenvolveu proteções e defesas engenhosas para guardar a tumba de Akarat. Quando terminaram, os Consagrados fizeram suas despedidas finais, mas suas palavras foram pronunciadas em segredo, e nem mesmo os Natispíritos sabem o que foi dito. Ysevete foi a última a ir embora, após passar muito tempo sozinha em seu luto. Então, eles selaram o local de descanso de Akarat, onde ele repousa até hoje, na Câmara de Luz, além do alcance de toda a corrupção e decadência.

Aqui se encerra a história de Akarat, quando ele veio a Nahantu. Permiti que minhas palavras fossem escritas no papel, embora isso não fosse o que Akarat queria, tamanha a sua importância. Faço isso por causa das mentiras que já foram escritas. Se as palavras estão fadadas a se tornar um campo de batalha, então a verdade precisa chegar à linha de frente. Ouviram minhas palavras, vocês que buscam abrir o caminho da Luz e cobrar um preço em nome de Akarat? Nunca estamos tão longe numa estrada a ponto de não conseguir dar meia-volta. Embora o Ódio possa consumi-los, a Luz em vocês nunca se apagará. Deixem que ela os guie de volta.